



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1899 | Número: 16

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 16 (1) Jan.-Mar. 1899, p. 5-22

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

(Continuado do vol. xv, n.º 4)

S. Salvador de Souto e Santa Maria de Souto. — N'estas duas freguezias, que mal podem separar-se, deixaram os mouros não poucas memorias suas. Temos a « Moura que falla », a « Lapa da moura », o « Castello dos mouros » e a « Fonte da moura ». A esta riqueza toponymica não corresponde contudo o interesse das lendas romanescas, que era para desejar. A moura que falla habita no ermo das Penices ; é um echo, como em toda a parte, onde encontramos esta solitaria tagarella ; mas aqui, como nas outras partes, não tem historia, que eu saiba. Tem-n'a, porém, na antiga mythologia o phenomeno acustico que lhe deu origem, podendo por isso jurar-se sem receio que, ainda n'este caso, a moura veio substituir uma entidade pagã muito querida pela gente do povo.

Quanto à « Lapa da moura », a tradição hesita sobre se a sua inquilina era uma moura, se uma freira, e faltando, como falta, a biographia d'esta mysteriosa heroina, todo o commentario se torna impertinente. O exame da lapa, longe de acla-

rar o enigma, ainda mais o obscurece. Imagine-se um enorme penedo na encosta do monte ¹, talhado pela frente tão obliquamente, que forma um angulo agudo com a linha da sua base, e abriga um espaço de terreno de uns vinte e quatro palmos de largo e outro tanto de comprido. Ao fundo d'este abrigo, e quasi encostadas ao arranque do tecto, vêm-se em linha cinco pedras grosseiras de pequenas dimensões, deixando entre si quatro intervallos, ora de quatro, ora de cinco palmos de largo. A terceira e quarta pedra supportam uma outra de travez, formando portanto as tres uma pequena furna, e sendo muito provavel que todos os outros intervallos fossem primitivamente tampados do mesmo modo. Ha ainda uma outra pedra solta, para áquem d'aquelle alinhamento, e asseveravam-me os meus guias que muitas outras tinham sido já levadas d'alli. O que, pois, se vê hoje são os restos d'um monumento bastante complicado, e que, a meu juizo, devia ter sido consagrado a usos funerarios. Se assim é, o conteúdo das sepulturas foi de tal modo dispersado, que eu não pude descobrir um só fragmento de louça. Debalde interroguei um dos meus *cicerones* ácerca da confusão da moura com a freira, mas nada mais sabia senão que sua mãe lhe contára ter uma freira vivido por muito tempo debaixo d'aquella lapa.

Um pouco acima encontra-se a «Lapadella». Esta não tem denominação allusiva a mouros; o facto, porém, de ter uma, mostra que qualquer particularidade a recommendou á attenção do povo. É tambem um grande penedo, pousando por um dos lados sobre outro muito mais pequeno, este cortado a pique pela parte interna. Se do lado opposto houvesse outro na mesma disposição, o vão formado pelos tres seria uma gruta, que se diria haver sido em parte afeiçoada pela mão do homem. O terceiro penedo não existe, mas ha coisa talvez mais favoravel á minha hypothese: é uma grande pedra tombada, que devia ter occupado o seu logar e foi d'alli deslocada, ha muito tempo. Inclino-me, pois, muito a acreditar que a «Lapadella» chamou a attenção publica e creou um nome por motivos muito semelhantes aos que tornaram notavel a «Lapa da moura».

Para encontrar o «Castello dos mouros» e a «Fonte da

¹ Nos prazos antigos tem o nome de Gortina. Hoje é mais conhecido pelo nome de Monte do Barral, bem que não falte quem lhe chame Monte da Gordina.

moura», temos de subir até quasi á corôa do monte, tórneando-o pelo estreito valle, por onde se despenha o ribeiro de Reaes. A fonte passaria desapercibida, se não fosse a sua denominação e a fama de estar proxima d'uns thesouros, que por mais d'uma vez têm posto em movimento o alvião dos crendeiros. Sae d'uma mina aberta em tempos relativamente modernos, e que de certo lhe tirou a sua feição primitiva ¹. Não dista muito do «Castello dos mouros». Este não passa d'um grande amontoamento de pedras, que, sem duvida alguma, pertenceram a uma construcção. Mas a que especie de construcção? Na tradição, admittida por um dos meus informadores, era alli que os mouros de S. Torquato se faziam fortes para guerrear com os da Citania; e o que primeiro occorre, e o exame attento da ruinação não contradiz abertamente, é que temos alli um lanço de muralha desmoronada; mas este lanço de muralha está isolado e, o que peor é, está na base da ladeira que descae para o côrrego e não na aresta d'ella, como seria natural, se a muralha continuasse para fechar um espaço do planalto, que aliás se não prestava muito a ser effizazmente defendido. Declaro-me, pois, incapaz de propôr uma razoavel solução do enigma.

É possível que muita da pedraria das ruinas fosse aproveitada para a formação de duas extensas paredes, dispostas nas duas lombadas do pequeno valle e destinadas a auxiliar a batida aos lobos e a encaminhal-os para um fojo, cujo poço está hoje arruinado, como as paredes; mas isto provaria apenas que a mysteriosa construcção era mais extensa que actualmente, sem destruir as razões expostas contra a improbabilidade de haver feito parte d'um logar fortificado. No entanto nada me admiraria que o houvesse; porque, supposto já estejamos no alto da cordilheira, que é continuada para norte pelos montes de S. Simão, de Garfe, e por uma cadeia d'outros, cada vez mais asperos e selvagens, ha sobejos signaes de que em algumas d'estas eminencias não faltaram moradores nos antigos tempos. Assim, ainda em parte do nosso monte, n'uma depressão da cumiada, encontra-se o logar

¹ Ha na freguezia uma outra fonte, a de Santa Luzia, que tem entre o povo uma historia curiosa. Ao fazer-se uma escavação qualquer, rompeu subitamente um grande borbotão d'agua e no mesmo sitio achou-se um alatorio (oratorio) enterrado. Não pude aclarar bem este mysterio.

de Villar ¹, de certo o Villar d'Atam, conhecido nos documentos do mosteiro de Souto ², onde o arroteamento d'um bravio pôz a descoberto muito caco de telha romana e de louça, alguns pesos de barro furados n'uma das suas extremidades, alguns moinhos de mão e um grande lanço de parede, cujo destino é desconhecido. Não pude visitar o sitio d'estas descobertas, feitas haverá dois annos.

Desçamos para os lados do Ave, de que nos fomos afastando. Não fallando nos fragmentos de telha com rebordo, que apparecem em muitas partes, no logar dos Oliveaes, por exemplo, mencionarei duas descobertas, que contam uns seis annos de data, ambas ellas feitas em S. Salvador, na quinta do Reguengo. N'um dos campos, que compõem esta propriedade, no espaço d'uns sete palmos, foram encontradas umas poucas de telhas com rebordo, algumas já partidas, e que de certo formavam uma campã como a da Fornalha. Dentro d'ella, dizia-me um informador, appareceu uma pequena moeda de prata; soube, porém, depois, do proprio caseiro que desenterrou as telhas, que a informação era falsa, ou então um equívoco com um «pinto de ouro», achado no mesmo campo, mas muitos annos antes da descoberta das telhas ³. Por todo o campo são vulgares os fragmentos de telha, e n'uma beirada d'elle encontrou o caseiro, ao abrir a cova para um carvalho, muitos bagos de carvão e cinza. Desconfiava elle que por aquelle sitio tivesse havido «uma fabrica do tempo dos mouros».

A outra descoberta é ainda mais interessante. Ao fazer umas obras n'um quinteiro, pertencente á mesma propriedade do Reguengo, foram desenterrados alguns cacos de louça e alguns objectos de ouro. Os cacos desapareceram de novo no reboliço da escavação; os objectos de ouro desapareceram no

¹ Villar pertence já á freguezia de S. Torquato, e d'este modo se explica a extravagancia das guerras entre os mouros de S. Torquato e os da Citania.

² Vide *Documentos ineditos dos seculos XII-XV relativos ao mosteiro de Salvador do Souto* por Oliveira Guimarães (abbade de Tagilde), doc. 69, 74 e 135.

³ Esta moeda e outra igual, apparecida ainda antes da primeira, n'um outro campo, foram vendidas a um ourives de Braga. Haverá cinco annos, n'um outro campo da mesma propriedade, appareceu um pequeno alfinete de ouro, de cabeça grosseiramente achatada. Está hoje no Museu de Guimarães por generosidade do dono do Reguengo, o snr. Antonio José Vieira.

cadinho d'um ourives de Guimarães, que foi o unico que lucrou com o achado, se os comprou baratos, como é de crêr, porque o jornaleiro que lh'os vendeu, perseguido pelo dono do terreno, gastou com as custas do processo muito mais do que recebeu da veniaga. Fiz quanto pude por apurar tudo o que se relacionava com estas antigualhas e não sei se consegui o meu fim. Segundo me affirmou outro jornaleiro, que teve de ser testemunha contra o ambicioso camarada, o logar do achado foi um poço redondo, «um fundo de dorna», de seis a sete palmos de altura e outro tanto de diametro, aberto no salão duro, sem forro algum nem de telha, nem de pedra. Tambem não era tampado. Dentro encontraram-se apenas alguns cacos, uns de côr amarellada, outros esbranquiçados e os objectos de ouro, que o companheiro descobriu e empalmou, e mais tarde mostrou a differentes pessoas, dando a entender que os encontrára n'outra parte. Eram dois alfinetes de pouco mais de duas pollegadas de comprimento, com uma cabeça quasi espherica, se abstrahimos das numerosas facetas que a ornavam. Esta descripção deve ser exacta, porque eu já possuia dois *fac-similes*, um de madeira, feito por um habilidoso, outro de latão ¹, fabricado por um artista de Santa Maria de Souto, e ambos elles concordam entre si e com as explicações que me deu o jornaleiro. Não pôde duvidar-se, penso eu, de que o poço em questão era funerario e proximo parente d'um outro que deve ter existido na Cruz da Argola e a que me referi n'um dos artigos precedentes, e ainda d'outros, descobertos, ha tempos, em S. Paio de Vizella.

Gondomar. — Poucas informações pude cother das antiguidades de Gondomar, ficando na persuasão de que as não tem notaveis. Grande parte da freguezia é tomada pelo arido monte de S. Simão, assim chamado, por ter havido perto do alto uma capella d'este santo. N'um sítio do monte desconfiava o padre Duarte de Macedo, que morreu abbade de Sobreposta, ter visto, andando á caça, uns montões de pedra, que lhe pareciam estroços de construcções; mas uma vistoria, que ambos fizemos ás suppostas ruínas, desenganou-o de que a sua desconfiança era infundada. Da capella do santo não restam vestigios, segundo me informaram; o que resta ainda, dizia-me outro noticiaria, é uma pia de pedra redonda, onde

¹ Está hoje no Museu de Guimarães.

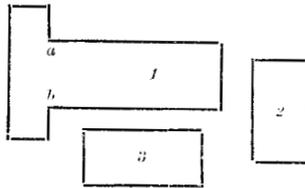
se espremia o mel offertado a S. Simão. Aquí está agora coisa mais curiosa: o santo foi trazido para a igreja da freguezia em tempos que se não precisam, e trazida ao mesmo tempo uma pedra de granito fino, d'uns dois palmos de comprido, quasi informe, se qualquer observador audacioso não se lembrar de lhe descobrir uma forma phalica. A pedra tem uma virtude especial contra a esterilidade das mulheres; basta raspar n'ella e recolher n'uma saquinha o pó resultante d'esta operação; pendurar a saquinha com toda a fé debaixo da estatua do santo, para que a supplicante se veja livre do mal, que por tanto tempo impeceu á mulher de Abrahão. Como não haveria espaço para as saquinhas de todas as devotas, que até hoje têm implorado a graça do santo, as mais antigas vão sendo atiradas fóra. Eu ainda vi umas vinte no seu lugar. Pena é que a origem d'esta costumeira não possa ser bem esclarecida. O santo não recebe hoje, que eu saiba, offertas de mel, mas qualquer offerta que se lhe faça, deve ser de objectos brancos.

Perto da igreja vêem-se as tampas de alguns carneiros de pedra, aproveitados em tempos para um aqueducto, e n'uma d'ellas uma inscripção de caracteres gothicos em relevo, que não pude copiar. Aponto a curiosidade aos investigadores d'esta especie de velharias.

Garfe. — Garfe segue-se immediatamente a Gondomar e estende-se pelo nascente, subindo sempre, até á extrema septentrional de Gonça. Pertence e não pertence ao nosso concelho, conforme os annos da graça em que nos collocarmos; porque esta freguezia tem sido por mais d'uma vez tirada e restituída a Guimarães por motivos comprehensíveis para os politicos e para niuguem mais. Dêem-me, pois, licença de escolher o momento chronologico, em que ella nos pertenceu, deixando de lado as outras freguezias que entraram n'estas trocas-baldrocas, e ás quaes nem poderia chegar sem a atravessar de lado a lado.

Garfe possui algumas antiguidades muito curiosas, sendo a mais fallada conhecida pelo nome de «Pias dos mouros». Ficam estas no sitio da Pena, n'um terreno plano, coberto por uma matta de carvalhos, e proximas d'uns campos, mas já na encosta do grande monte, que encadeia com o de S. Simão. São abertas n'uma lage, quasi nivelada com o sólo pelo lado do nordeste, facilmente accessível por todos os outros, menos pelo poente, por onde se precipita n'um córte vertical da al-

tura d'um metro, continuado por outro cõrte horizontal, que fõrma uma especie de supedaneo de uns tres palmos de largo. Estes cõrtes sãõ feitos a pico; com que fim é que não fui capaz de perceber. É verdade que com o mais me succedeu a mesma coisa. Que prestimo pôde ter, por exemplo, um rebaixe de meio palmo de fundo e dois de largo, que se vê logo adiante da aresta, onde começa o cõrte vertical, interpondo-se entre ella e as «pias» e dando escoante para os dois lados da lage? Tambem se não comprehende. Quanto ás «pias», o seguinte esboço tirar-me-ha o trabalho d'uma descripção fastidiosa.



A «pia» maior tem uns dez palmos em todo o seu comprimento, quatro de largo na parte mais estreita e seis na mais larga, ficando esta paralela ao sulco rebaixado, de que já falei, e distante d'elle cerca d'um palmo. Nos angulos *a b* vêem-se vestigios muito ligeiros d'um rasgo, e, se realmente o houve, devia ter jogado n'elle uma taboa corrediça. Quando as examinei, as tres pias estavam cheias d'agua, e asseverava um pratico da freguezia que nunca as vira seccas, mesmo no pino do verão. Esgotou se-lhes toda a agua para melhor as estudar, e verificou-se que não tinham communicação umas com as outras, nem orificio de escõo para parte alguma. O fundo das tres «pias» está n'um mesmo nivel, mas todas ellas sãõ de diferente altura, em consequencia da desigualdade da superficie da lage. Assim, o n.º 1 tem tres palmos de fundo; o n.º 2, pouco mais d'um palmo; o n.º 3, apenas meio, não havendo o menor signal de que estas differenças fossem motivadas por qualquer facto posterior ao trabalho primitivo. Tambem a desigualdade da superficie da lage torna mais que improvavel a supposiçãõ d'um dos meus companheiros, que, vendo na borda da «pia» grande um ligeiro rebaixe na extensãõ d'uns dois palmos, alvitrou que seria destinado para receber uma tampa.

Mas emfim para que servia tudo isto? Quando me fallaram

em pias de mouros, abertas n'um penedo, fiquei logo predisposto a ir encontrar-me com sepulturas, já muito minhas conhecidas n'outras partes; mas o estudo do monumento não só desvaneceu a minha prevenção, mas suscitou-me a ideia de que tínhamos alli uma miniatura dos celebres lagos de Panvías (Villa Real). Isto quer dizer que não posso formar um juizo seguro d'esta antigualha, e prefiro portanto confessar a minha ignorancia e calar-me a architectar hypotheses vagas. Lendas populares, nenhuma; eram pias de mouros e mais nada ¹.

Não muito longe das « Pias dos mouros » ficam o « Castello de cima » e o « Castello de baixo »; mas nenhum d'elles é outra coisa mais que um morro, coalhado de grandes penedos, e do qual o homem nunca tiraria o partido, que o nome de castello poderá suggerir. Casos identicos tenho eu encontrado em muitas outras partes, obrigando-me a concluir que uma tal qual similhaça entre a configuração d'estas moles de granito e os verdadeiros castellos levou o povo a applicar áquellas o nome d'estes, á falta d'outro melhor.

Cada um dos castellos tem nas suas visinhanças uma curiosidade; o « Castello de baixo » chegou mesmo a ter duas, uma das quaes desapareceu, da maneira mais inexplicavel. « Cantava alli a moura — dizia-me um bom velho, creado n'aquelles logares — mas, ha coisa de trinta annos, ninguem a ouve ». Pelas suas explicações fiquei sabendo que a « moura que canta » e a « moura que falla » são uma e a mesma entidade. Gritava-se-lhe de longe: « eh! boi! », e a moura respondia distinctamente: « eh! boi! ». E o narrador, que muitas vezes obrigou a moura a cantar, ao dizer-me como, de ha trinta annos para cá, ninguem mais lhe ouviu a voz, mostrava-se devéras enleiado com o mysterio do seu desaparecimento. Fingindo mudar de assumpto, perguntei-lhe se no respectivo morro do Castello tinham sido quebrados alguns penedos ou coisa equivalente, e sobre a sua resposta negativa fiquei tambem sem recursos para decifrar a charada. Certo é que a moura já hoje não canta no « Castello de baixo »; amouu por qualquer motivo; mas feliz o que desencantar o thesouro, que por alli ha e que de certo lhe pertence! O thesouro consiste n'uma « trave

¹ Na pia maior podia estar um corpo com os braços abertos. dizia-me um dos antiquarios da freguezia; mas debalde quiz arrancar-lhe o pensamento intimo, que lhe dictava estas palavras.

d'ouro, que passa n'aquelles sitios», dizia o mesmo informador, trave que tive de tomar como synonyma d'uma veia aurifera, depois das explicações com que o importunei. A procura d'ella têm-se malado os devotos de S. Cypriano; e os ultimos, de que ha noticia, com o livro do seu orago nas mãos, encontraram apenas, junto d'um penedo, a poente e não longe do Castello, uns poucos de carvões, o que os não desanimou inteiramente, porque muitas vezes, como é sabido, o ouro encantado transforma-se em carvão, e qualquer lapso nos esconjuros magicos póde annullar completamente a operação. O que podem realmente indicar os carvões é que a escavação revolveu um terreno, em que existiu alguma sepultura saqueada por maniacos mais antigos.

A curiosidade, proxima do «Castello de cima», chama-se a «Cadeira do diabo». É um penedo de quatro metros de alto, com a fôrma d'um cone truncado, no cimo do qual se vê um rebaixe quadrado, certamente natural, de tres palmos de fundo e uns cinco de largo, rasgado sômente para um dos lados, nascente, de sorte que qualquer de nós poderia alli sentar-se commodamente, sem receio de cahir para traz ou para os lados, se lá podesse trepar. Mas ali está a grande difficuldade. A fraga é tão escarpada para todas as partes, que a sua escalada só é possivel para aquella casta de rapazes, com os quaes, segundo o adagio, nem o diabo quer brinque-dos. E foi de certo esta quasi impossibilidade que obrigou o povo a pensar no diabo, como unica entidade capaz de escolher para assento uma cadeira tão inacessivel. Aqui temos agora, a meu vêr, a parte mais interessante d'este fragmento de *folk-lore*: o fragão está cheio de riquezas encantadas e ainda não ha muito tempo resistiu, perdendo apenas algumas lascas, á brutalidade d'uns cyprianistas que pretenderam devas-sar-lh'as a tiro. D'onde se vê que o diabo da cadeira de Garfe pertence ao mesmo mundo sobrenatural, que a moura que canta e outros personagens da mesma especie; não é propriamente o anjo cahido da tradição biblica, senão um deus do nosso velho pantheon, desthronado pelo christianismo, como a maior parte das nossas celebridades mouriscas.

Thesouros occultos não faltam em Garfe, e ainda menos gente de fé robusta e mão atrevida para os arrancar dos seus escondrijos. O caso seguinte deu em toda a freguezia o brado que póde imaginar-se. Uma manhã, fóra da capella de S. Pedro, appareceu uma grande escavação, e correu voz de que os nocturnos escavadores não tinham d'esta vez perdido

o seu tempo. Engano de certo; porque pouco depois appareceu tambem arrombada a porta da capella; todo o seu pavimento revolvido, e tão completamente, que até foi arrasado o altar do santo, cuja estatua rolou pelo chão, perdendo a cabeça. Se os sacrilegos colheram o fructo appetecido pela sua ambição, ficou por fim em grande duvida; o que elles conseguiram foi inutilisar a capella, que está hoje cheia de silvas.

Tornemos ao monte de Garfe. O seu ponto mais elevado já toca, como disse, na extrema septentrional de Gonça e não dista muito da egreja d'esta freguezia. É conhecido pelo nome de « monte da Senhora do monte » e a noticia de haver alli existido uma povoação antiga decidiu-me a visital-o, o que fiz na primeira occasião favoravel. Naturalmente ia disposto a encontrar os restos d'algum castro extinto; mas enganei-me redondamente; nem achei vestigios alguns de castro, bem que a corôa do empinado outeiro o estivesse a pedir por bôca, nem tradição de que os mouros tivessem habitado aquelle lugar, factó, tanto mais para estranhar, que pouco abaixo da aresta do planalto, para poente, ha uma fonte attribuida aos mouros e no meio d'elle uma mamôa, infelizmente já violada, como de costume. Além d'isso, ruinas de alguns casebres de aspecto relativamente moderno, dando-se como certo que a pedra de muitos outros foi saqueada pelos proprietarios de Garfe, do mesmo modo que os materiaes da capella, da qual mal se divisam hoje os alicerces. Aqui estão, em todo o caso, os testemunhos da povoação antiga, a que alludiam os meus informadores, que nenhuma culpa tinham no meu preconceito de a imaginar um castro « mourisco ». E a verdade é que por fim a sua historia não me interessou menos que a das povoações pre-romanas, por me parecer que no seu desaparecimento actuaram causas muito semelhantes ás que determinaram o abandono d'aquellas. Ha ainda hoje quem se lembre do seu ultimo morador, e da grande feira annual que alli se celebrava, muito concorrida, entre outros, pelos chapelheiros de Braga, que davam quasi sempre o *almiré* da pancadaria, com que fechava a solemnidade do dia, que era tambem o da festa da Senhora. N'aquelle lugar, onde reina hoje a mais completa mudez, não faltou, pois, vida e movimento; a sineta da capella fazia-se ouvir ao longe, chamando á oração a gente do povoado, e a Senhora de Guadalupe, que habitava no seu pequeno templo não só era adorada pelos seus devotos de ao pé da porta, mas por muitos outros longinquos, que a procuravam nas suas afflicções. De certo tempo em diante, principia

um motu-contínuo de deserções. Os moradores, não obstante terem uma estrada que passava pelo alto e os punha em comunicação com as freguezias visinhas, vão abalando para aqui e para acolá, achando de certo incommodo demais a vivenda n'aquelle picoto desabrigado; a sineta, levaram-n'a os ladrões uma noite, e pouco depois correu voz de que a Senhora tinha fugido da capella. Certo é que tinha desaparecido, e ninguém soube d'ella durante dez annos, o tempo bastante para não ficar uma pedra na antiga morada, onde habitára quem sabe por quântos seculos! A despovoação dos velhos castros seguiu muito provavelmente os mesmos tramites; e, apesar de não encontrar, como já disse, signaes bem claros, que me obrigassem a relacionar a povoação do nosso monte com uma povoação pre-romana, ninguém me obrigaria a jurar que taes relações se não deram. Supprimida esta hypothese, teria de imaginar uma outra, que se me figura pouco menos de absurda — a do capricho d'umas tantas familias, que sem causa alguma plausivel, vieram estabelecer-se na cumiada d'um monte agreste, quando, desde o tempo do dominio romano até hoje, a formação de povoados em semelhantes condições não tem a minima razão de ser. Mas deixemos as hypotheses. Que no despovoamento do nosso picoto se reproduzem em ponto pequeno as mesmas phases, por que passou o despovoamento dos velhos castros, é o que me parece certo e que mais me importa accentuar. E mesmo para explicar a lenda das Senhoras que apparecem e que fogem, como a do Castro do Paraíso, o caso de Garfe não é pouco instructivo. A versão mais corrente e que primeiro me chegou aos ouvidos era muito simples e positiva: a Senhora tinha fugido da sua capella do alto para a igreja da freguezia. A historia completa é a seguinte: a Senhora desapareceu um dia, e, durante dez annos, ninguém soube d'ella. Ao fim de dez annos, passava um homem, ao quebrar das barras, por diante da igreja de Garfe, quando alli viu a Senhora alumiada por uma vela de cêra e com um bilhete na mão, em que dizia querer uma igreja no sitio, onde fosse encontrada. Foi recolhida na igreja e lá está hoje. Ha trinta annos que isto vai. Muita gente ficou assombrada com o milagre e acredita-o piamente; mas o meu informador, um honesto artista e que não tem nada de livre pensador, opinava que toda esta thaumaturgia fôra fabricada pelo abbade antigo, nem lhe perguntei para que.

A um homem da freguezia de Travassós devo ainda a no-

ticia de que no « monte da Senhora » ha uns penedos chamados « Carrilhões », marcados com alguns signaes.

À freguezia de Garfe, segue-se pelo nascente a de Freitas, que não tem nada com o nosso concelho. Pertence já ao de Fafe. Péga, porém, pelo sul com a freguezia de S. Torquato, e como se me offerece occasião de fazer algumas addições ao artigo, que intitulei « Valle de S. Torquato » ¹, aproveito-a com as mãos ambas. Começarei por um caso que se deu no monte de Santa Marinha, pouco mais ou menos na extrema das duas freguezias. N'uma manhã de S. João uma pegureira de Freitas levou o rebanho mais cedo para o monte, com o proposito de « deitar o carrapato » aos rebanhos do monte de Gonça, que lhe ficava fronteiro, logo que os visse chegar. A carneirada foi parar junto d'um penedo, onde a rapariga viu com espanto um estendal de joias, guardadas por uma « velha ». Pediu lhe algumas, e a velha respondeu-lhe que todas ellas seriam suas, se viesse alli no dia seguinte e lhe desse um beijo na bôca, fosse qual fosse a fôrma em que a encontrasse. Recolhendo a casa, a pegureira contou o succedido ao pae, que a aconselhou a satisfazer todas as exigencias da velha, e lá foi no dia seguinte ao sitio, resolvida a seguir o conselho paterno. Em vez da velha encontrou sobre o penedo uma « saraméla » ², que lhe repetiu as condições do contrato, mas a rapariga não pôde vencer a repugnancia de dar um beijo na bôca do asqueroso reptil e perdeu tudo. As riquezas lá estão, concluiu o meu informador, o homem de Travassós, de que fallei acima, e pelos modos deve ser facil atinar-lhes com o sitio, porque quem percorrer aquella parte do monte, á hora do meio dia, ouve cantar um gallo dentro d'um penedo. Isto é signal infallivel de que ha alli uma moura que quer ser desencantada, como aprendi d'uma mulher, nascida perto da ponte de Caldellas (concelho de Villa Verde), sobre o rio Homem ³.

¹ Vide *Revista de Guimarães*, v, pag. 115 e seg.

² Nas lendas congeneres, em vez da saraméla, figura quasi sempre uma cobra.

³ Esta ponte é attribuida aos mouros e, segundo a tradição corrente, foi feita n'uma noite e ha de desabar n'outra. Por isso os que estão ao facto de tal prophécia e são obrigados a percorrel-a depois do pôr do sol, não ganham para sustos e vão sempre com o credo na bôca. Outra prova de que ha mouros dentro d'ella está em que não

Quando era creança, contava-me ella, tinha ouvido, á hora do meio dia, cantar tres vezes um gallo dentro da ponte com «voz muito delicada», e, expondo á mãe o estranho caso, esta lhe explicou tratar-se d'uma moura, que desejava ser desencantada.

Como se viu, a moura de Santa Marinha apparece sob o aspecto de uma «velha» e é de certo proxima parenta d'outras velhas, que já temos encontrado no nosso caminho; mas a sua historia é muito vaga, para nos orientar sobre o papel que esta entidade representou nos tempos do paganismo, sendo mesmo provavel que represente mais que um. Ás vezes poderá ser o phantasma d'uma divindade das fontes, a julgar por uma legenda irlandeza, que é possivel estar tambem localisada entre nós, posto que ainda a não encontrasse até hoje. N'esta legenda, cinco heroes, empenhados em certa empresa, vão acampar não longe d'uma fonte. A sêde aperta-os, e um d'elles encarrega-se de ir procurar agua. Chegando á fonte, vê-a guardada por uma velha esqualida, que lhe não permite levar d'alli agua nenhuma, senão com a condição d'elle lhe dar um beijo. O mancebo sente nauseas a esta proposta, e volta ao acampamento, contando os incidentes da sua desastrosa aventura. O mesmo succede a tres dos seus companheiros, que voltam corridos, como o seu camarada. Vai finalmente o quinto; este não põe a menor difficuldade em satisfazer as imposições da repellente velha, e imagine-se o seu assombro quando, tocando-lhe com os labios, se viu em face d'uma moça da mais peregrina belleza ¹.

Aquí, a velha representa sem duvida uma divindade das fontes, e fontes de mouras, cheias de thesouros encantados,

falta gente, que tendo descido ás margens, onde assentam os pegões dos arcos, ou passando em barco por baixo dos arcos, tenha ouvido um confuso susurro de vozes, que vem do massiço da alvenaria. Mais inexplicavel é a seguinte crendice. Perto da ponte começaria uma mina que ia ter ao forte do Castilhão — mina de respeitavel comprimento, porque o Castilhão fica talvez a quatro kilometros de distancia — e d'uma serventia *sui-generis*. São innumeraveis os castros, e o Castilhão não é outra coisa, que communicam com um rio proximo por meio d'uma mina; mas estas minas, na crença popular mais vulgarisada, serviam para os mouros trazerem por ellas os seus cavallos a beber. A do Castilhão tinha outro prestimo: os mouros d'este castro vinham por alli buscar o milho, que outros mouros dos lados do Prado lhes atiravam da ponte abaixo. D'outras pontes, feitas pelos mouros e pelo diabo, fallaremos mais adiante.

¹ O' Grady, *Silva Gadelica*, pag. 370.

temos nós às centenas; mas a velha de Santa Marinha pertence visivelmente a outra categoria de divindades, visto que escolheu a sua morada nas entranhas d'um penedo e nos desertos d'um monte.

Tenho boas tenções de entrar com mais desenvolvimento n'esta intrincada questão, quando chegar ao fim d'este trabalho, e por isso porei aqui ponto á digressão. Mas, antes de voltar ás coisas do nosso concelho, registarei ainda duas notícias, que lhe não dizem respeito, mas que são bastante curiosas, para as passar em silencio. Deu-m'as o mesmo informador de Travassós, um cyprianista da mais pura agua, que veio procurar-me na ideia, desconfio eu, de ser iniciado nos grandes mysterios da magia negra, em que me suppunha jubilado. Além dos thesouros da velha de Santa Marinha, ha dois outros, que lhe preoccuparam o espirito, ambos elles na sua freguezia, e debaixo ou na proximidade de penedos. Um d'elles fica-lhe mesmo á porta de casa; no penedo via-se uma «pegada, umas pias redondas, outras quadradas», e era conhecido pelo nome de «Penedo d'Orca», um nome vulgar na Beira e tão raro no Minho, que só d'este tenho noticia. Eu disse que «era» conhecido, porque já foi deploravelmente maltratado por um tiro e não posso jurar que ainda exista. O outro penedo, com o competente thesouro, fica no monte Albô, onde tambem se encontra o «Castello morrinho», e tem «uma mulher pintada» (gravada), facto, em que só acreditaria, se podesse vêr com os meus proprios olhos a improvavel «pintura».

As seguintes informações, relativas ao valle de S. Torquato, foram-me fornecidas por um cantoneiro da estrada de Gonça, hoje fallecido, profundo conhecedor das antiguidades de toda aquella ribeira. Por elle fiquei sabendo que a celebre batalha de S. Mamede não foi nos campos do Gilde. A batalha de D. Affonso Henriques com a mãe, dizia elle muito conscientemente, deu-se no sitio das «Lapas», a pouca distancia da igreja parochial e do monte de Penouços; pelo Gilde houvera outra grande batalha, como o prova o nome do «Campo da Ataca», proximo do «Monte negro», mas os lidadores nada tinham de commum com Affonso Henriques; eram d'um lado os Maus, do outro os Pares de França ¹. No campo acima no-

¹ N'um folheto intitulado: *Memoria e lembrança de hum papel que veiu da Barbaria e que trouxe um portuguez que veiu captivo*, li eu que o rei Pepino deixou muitas «fazendas» enterradas no nosso paiz, quando por cá andou com a sua mulher Lidiana Muges Venida.

meado existiam valleiras, onde estavam enterrados os que cahiram na refrega. Os Maus, explicava elle a uma pergunta minha, eram os Judeus.

Quanto a riquezas encantadas, havia-as que farte em todas as freguezias da Ribeira; só em Athães sabia elle de seis «lagares», tres no sitio do Outeiro, outros tres no da Lerdeira, ao pé dos moinhos do Contrasto, logar da Granja. D'este segundo grupo de tres lagares, um está cheio de ouro, outro de peste e o terceiro — aqui está uma novidade — de milho alvo. Do ultimo sabe-se ainda que fica perto d'um salgueiro, que tem estendido as suas raizes por baixo, ou por cima d'elle: é o unico ponto duvidoso. Os lagares são subterraneos, bem se entende; mas riquezas á superficie do sólo não teriam conta, se tivéssemos olhos para as vêr. É coisa certa, por exemplo, que quando nos tempos antigos os pegureiros de Santa Maria de Athães jogavam a pedra com os de Santa Maria de Riba d'Ade, depois S. Torquato, as pedras eram do mais fino ouro, sem que os fundibularios o percebessem.

O rio Ade é o ribeiro, que vem do norte e passa em S. Torquato, juntando-se mais abaixo com outro, que vem do nascente, e cujo nome não pude apurar: ambos elles vão formar o Selho; mas ha um terceiro rio subterraneo, que desce da Penha, passa em Athães, no logar da Corredoura, sem se saber aonde vai rebentar. Esperava eu que a ribeira estivesse em perigos de ser inundada, se algum imprudente picasse a veia do mysterioso rio; mas sobre este particular nada disse o meu informador.

Não acreditava que o nome de Lobeira, dado á freguezia de S. Cosme, lhe viesse do caso da peeira dos lobos, pela estranha razão de que Lobeira era nome d'um logar. Com relação ao facto em si, não havia a menor duvida; tinha-se passado ha coisa de tres gerações; conhecia-se mesmo o nome da familia a que pertencia a heroína (Mendes-Macedo), e todas as particularidades da sua historia. A rapariga não tinha tido uma irmã por madrinha, e, como era a setima do rancho, não podia esquivar-se ao fadario de ir viver sete annos com os lobos. Assim, um dia encontrou-se com uma desconhecida, que lhe metteu uma cesta no braço e lá seguiu para a montanha sem mais explicações. A desconhecida acabára o fado, que a Mendes ia começar, e parece que com a transmissão da mysteriosa cesta se faz no espirito da nova peeira toda a luz necessaria para comprehender e executar as leis do seu destino. Lá se foi, pois, para a montanha viver entre os lobos, e

por signal que um d'elles, o seu favorito, chegou a celebrar-se no *folk-lore* de todas as freguezias do valle. Chamava-se Simão. Encarregado pela Mendes de guiar e defender um passageiro, perdido na serra, e que lhe pediu para o guiar no caminho, até poder orientar-se, o lobo desempenhou fielmente as suas ordens e só abandonou o extraviado, quando elle, chegando a sitio conhecido, lhe disse, como recommendara a peeira: «Vai-te, Simão».

Ao penedo proximo á quinta de Aldão, de que já falei, no vol. XIII, pag. 14 d'esta *Revista*, dava o cantoneiro o nome de «Penedo das janellas», sem adeantar mais particularidades que as conhecidas. Em Penouços houve tambem um «Penedo da Moura», destruido ha annos. Era um echo.

Nada me contou de Gominhões; mas recolhi duas noticias, vindas d'outra fonte, que são dignas de menção. No caminho que vai da estrada de mac-dam para a capella da Senhora do Bom Despacho, não do Socorro, como por engano já escrevi, encontra-se um pequeno penedo com algumas *covinhas*; a poente, para a encosta do monte, outro penedo com o nome de «Penedo do Sol», cuja legenda se perdeu, suppondo que a teve, como é de crêr.

Dezembro de 1898.

F. MARTINS SARMENTO.

*

* *

No *Archeologo Portuguez*, pag. 239-240, anno de 1898, transcreve o snr. José Leite de Vasconcellos a replica que lhe oppuz n'esta *Revista* e remata assim:

«Ora aqui têm os leitores como a uma critica baseada em factos se pôde responder com uma galhofa. Ou em assumptos ethnologicos o snr. Francisco Martins fosse outro que não gostasse de fazer de vez em quando passar por infalliveis as suas theorias!»

E, investindo em seis notas com o meu texto, escreve mais estas ratices — que fujo da questão — que sophismo — que lhe attribuo um sómente que não é seu — que reconheço ter-me equivocado, não fallando d'uns pontos de admiração fulminantes e das allusões á minha indole ingrata. Pela propria declaração do meu amavel censor se vê que todo este escarceu provém de eu não ter escutado as suas observações,

que elle chama agora critica baseada em factos, com a seriedade exigida no jogo — «meu senhor S. Roque, aqui vos venho adorar» — e de lhe ter replicado com algumas palavras de bom humor.

Confesso o meu peccado, achei graça á tal critica baseada em factos, e tanta que, supposto ella já teve segunda edição, vou dar-lhe terceira, supprimindo o que fôr insignificante, para não massar de mais o leitor. Aqui está a critica baseada em factos: «Escreve o snr. Sarmento: «Segundo Strabon e outros o deus principal dos nossos antepassados era Marte». Como o snr. Sarmento tira d'esta affirmacão uma deducção historica, notarei que se tem em vista o que diz Estrabão no liv. II, III, 7, este não diz que Marte era o principal deus dos Lusitanos, mas o seguinte: (os Lusitanos) sacrificam a Ares-Marte um bode. . . D'entre os muitos deuses dos Lusitanos Estrabão falla especialmente d'um (que identificou com Ares) por ter colhido a respeito d'elle informações circumstanciadas».

De sorte que, por Strabon dizer que os Lusitanos sacrificavam a Marte, ninguem podia tirar a deducção de que Marte era o principal deus dos Lusitanos, mesmo que indicações de outros informadores nos fornecessem bons argumentos em favor d'esta inferencia. E, para esclarecer o assumpto até os seus intimos escaninhos, o illustre critico explicava-nos que Strabon escreveu aquelle texto, para não deixar no tinteiro as informações circumstanciadas que havia colhido a respeito do nosso Marte, faltando-lhe dizer para maior clareza que, se nenhuma informação tivesse colhido sobre o caso, nenhuma nos transmittiria.

Hão de confessar que esta «critica baseada em factos» é, quando muito, uma embrulhada exquisita, que, pelo tom pedagogico que a solemnisa, pôde produzir tudo o que se quizer, menos ataques de melancolia. Isto mesmo fiz eu sentir, e muito delicadamente, me parece, ao meu amavel censor, na esperanza de que elle reconheceria a impertinencia da sua prelecção. O resultado foi o que se viu, uma embrulhada ainda maior, em que predominam os argumentos *ad hominem* e a toadilha — que eu digo que Strabon diz tal coisa, quando Strabon tal coisa não diz. Parece-me que começo a perceber; como a phrase vaga «segundo tal auctor» tanto pôde significar «segundo se infere, segundo as indicações de tal auctor», como «segundo a expressa affirmativa de tal auctor», o meu illustre adversario, em vez de seguir as regras do veneravel

Genuense, preferindo a primeira interpretação, por ser a unica racional, faz-me a honra de preferir a segunda, por ser a unica absurda. Está bem; folgarei muito que os seus leitores não façam á sua hermeneutica os mesmos commentarios, que necessariamente hão de fazer á sua dialectica, tão embrincada de argumentos *ad hominem* e *ficelles* correlativas, e ficarei por aqui. Quando chegar occasião opportuna, exporei os argumentos, que em differentes fontes colhi e me levaram a concluir que o Marte, de que nos falla Strabon, não era só um dos deuses principaes dos Lusitanos (o que aliás é evidente, ainda que elle expressamente o não declare), mas o principal. As minhas razões podem ser más; podem mesmo não prestar para nada; mas isso é o que ha de vêr-se, se forem discutidas por um critico que vá direito ao problema, sem se entreter a escumar arujos.

Janeiro de 1899.

F. MARTINS SARMENTO.